

Esporte e sociedade: gênero como categoria de análise na prática do xadrez

Sport and society: gender as a category of analysis in the practice of chess

Simone Pereira da Costa Dourado e Maria Isabel Trivilin



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/8916>

DOI: [10.4000/pontourbe.8916](https://doi.org/10.4000/pontourbe.8916)

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Simone Pereira da Costa Dourado e Maria Isabel Trivilin, « Esporte e sociedade: gênero como categoria de análise na prática do xadrez », *Ponto Urbe* [Online], 27 | 2020, posto online no dia 28 dezembro 2020, consultado o 30 dezembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/8916> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.8916>

Este documento foi criado de forma automática no dia 30 dezembro 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Esporte e sociedade: gênero como categoria de análise na prática do xadrez

Sport and society: gender as a category of analysis in the practice of chess

Simone Pereira da Costa Dourado e Maria Isabel Trivilin

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 26/04/2020

Aceitação / Accepted 10/09/2020

Introdução

- 1 O esporte é um fenômeno de grande popularidade na modernidade. Sua inserção social ocorre de maneira desigual e articula a dinâmica dos grupos e das sociedades recortadas para serem investigadas. Nesse trabalho adotamos a definição de Anthony Giddens (1999:11) para quem a modernidade “refere-se a estilo, costume de vida que emergiram na Europa a partir do século XVII e que posteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência”. A modernidade pode, segundo essa abordagem, ser compreendida como uma experiência do sujeito. Dessa forma, é possível pensar que as transformações sociais, econômicas e políticas do final do século XVIII e início do XIX são uma extensão da modernidade e as ambiguidades dos séculos XX e XXI podem ser consideradas como consequências de uma *modernidade estendida*. É na modernidade que o esporte cria algumas especificidades em relação aos jogos e formas muito antigas de competição física. Segundo Allen Guttmann (1978), o esporte moderno pode ser caracterizado pelo secularismo, a igualdade de oportunidades na competição, a especialização das regras, a racionalização e a padronização dos regulamentos, a organização burocrática, a quantificação e a busca de recordes¹.

- 2 O estilo de vida eminentemente urbano é um dos principais marcos da modernidade, sendo que a procura do prazer e da excitação são fundamentais. Segundo Elias (1995:31-81), as sociedades industriais modernas almejam a construção de leis, de regras e a repressão dos atos violentos. O referido autor afirma que o aprendizado do autocontrole é algo universal, uma condição comum da humanidade, variando somente as normas sociais de autocontrole e a maneira pela qual elas são aplicadas e recebidas pelos indivíduos. A atuação de alguns elementos contribui para isso: de um lado, as Escolas, as Igrejas e o Estado e, de outro, os Esportes e a Cultura. Essas instituições sociais agiram com certo grau de ambivalência, ora de forma repressiva ora de forma livre, com o objetivo de gerar o alívio do enquadramento social que visa a *domesticação dos costumes*.
- 3 Na coletânea de artigos organizados por Elias e Dunning (1995), publicada pela primeira vez em inglês, em 1986, há a defesa de que por meio do esporte é possível revelar a *configuração*² das sociedades modernas. Boa parte dos estudos recentes sobre as diversas modalidades esportivas, no campo das ciências sociais, dialoga com essa obra que estimulou pesquisas sobre o fenômeno do esporte moderno assentadas na perspectiva de que a partir da observação, descrição e análise de determinada prática esportiva é possível compreender as estratégias de afirmação identitária, os vínculos dos grupos com as sociedades e os mecanismos de integração e representação dos principais valores da modernidade.
- 4 Pierre Bourdieu (1983:144) também destaca a importância dos esportes para as sociedades modernas ao afirmar que, tendo eles nascido dos jogos populares, produzidos pelo povo, retornam ao povo sob a forma de espetáculo. Em grande medida é isso que ocorre com algumas modalidades que ganham projeção e organização dentro de seu processo de elaboração para as massas. Assim, os esportes podem ser pensados dentro de um processo de produção (oferta) destinado ao consumo (demanda social). Bourdieu (1983:138) afirma que existe uma lógica específica à criação do campo esportivo que (re) significa e altera a função de alguns exercícios físicos pré-existentes ao esporte, alicerçando as práticas esportivas modernas em patamares que exigem, por um lado, a definição dos objetos de disputa e de regras que garantam as competições e, por outro, a busca de qualificação dos participantes, praticantes ou espectadores.
- 5 A constituição do campo esportivo acompanha, na modernidade, o processo de civilização dos costumes e, de certa forma, conduz a elaboração do que Bourdieu denomina de *filosofia política do esporte*. Em suas palavras:

A constituição de um campo das práticas esportivas se acompanha da elaboração de uma filosofia política do esporte. Dimensão de uma filosofia aristocrática, a teoria do amadorismo faz do esporte uma prática tão desinteressada quanto a atividade artística, porém mais conveniente do que a arte para a afirmação das virtudes viris dos futuros líderes: esporte é concebido como uma escola de coragem e de virilidade, capaz de “formar o caráter” e inculcar a vontade de vencer (“**will to win**”), que é a marca dos verdadeiros chefes, mas uma vontade de vencer que se conforma às regras – é o **fair play**, disposição cavalheiresca inteiramente oposta à busca vulgar da vitória a qualquer preço (BOURDIEU 1983:140, grifos do autor).
- 6 No Brasil e na América Latina, vários pesquisadores, cumprindo caminhos diferenciados e trabalhando com distintos objetos empíricos, identificam como se articula o que Bourdieu denomina por filosofia política do esporte³. Uma filosofia que auxilia no condicionamento dos indivíduos à vida em sociedade. Na esteira dessa tradição de investigação do fenômeno dos esportes na modernidade, abordamos como o

xadrez se configura como uma prática esportiva inscrita na filosofia política do esporte que visa a formação de atletas comprometidos com sua prática e com a divulgação de um esporte altamente regulado. Os jogadores, convertidos em atletas, são envolvidos com sua consolidação como um esporte e precisam garantir que as competições ocorram dentro de um cenário de controle das normas, uma vez que almejam um lugar no quadro dos esportes olímpicos, como se confirmou em 1999⁴.

- 7 Passamos a discutir como as questões referentes ao gênero se articulam à composição da filosofia política do xadrez, como um esporte que pela exigência de aptidões mais intelectuais do que físicas poderia suspender hierarquias e diferenças de gênero. A inspiração em Bourdieu (1983) e os resultados da pesquisa empírica nos conduziu a pensar o xadrez como uma escola de coragem e virilidade na qual as mulheres, ainda que tenham desempenho igual ou superior ao dos homens, continuam a “jogar como mulheres”.
- 8 Os resultados da pesquisa empírica aqui apresentados integram as atividades do projeto de iniciação científica desenvolvido ao longo de dois anos por uma das autoras e que incluíram trabalho de observação participante em quatro eventos esportivos e a realização de quatro entrevistas com praticantes profissionais do esporte.

Observando relações de gênero no xadrez

- 9 A prática esportiva é um espaço de construção e identificação de papéis sociais ligados às mulheres e aos homens. O xadrez, embora considerado um esporte intelectual⁵, o que poderia significar maior equidade de gênero entre seus praticantes, é majoritariamente ocupado por homens. A presença feminina aparece nesse esporte como elemento de tensão das representações culturalmente construídas para e sobre o feminino. Elas não teriam controle suficiente de suas emoções para se profissionalizarem no xadrez. Entendendo que os posicionamentos e o lugar estrutural que ocupa uma mulher na sociedade produz experiências particulares e específicas compreensões dos processos sociais (Young 2006), o ambiente enxadrístico pode ser, também, um espaço político de reivindicação e transformação das relações de gênero desde que se amplie o acesso, o reconhecimento e as condições de participação e permanência das mulheres nesse esporte.
- 10 Olhar para o xadrez e considerar as questões referentes ao gênero dos participantes nos faz perceber a importância de um dos núcleos de definição sobre essa categoria analítica na forma como ela é descrita por Scott (1995:86) *uma forma primária de dar significado às relações de poder*. Um tempo depois da discussão inicial sobre como gênero é uma poderosa categoria analítica, Scott (2012) reafirma a utilidade desse recorte, mesmo quando seu uso se tornou tão generalizado que parecia não categorizar mais nenhum processo histórico e social. Escreve a autora (2012):

É esta luta política que eu penso que deve comandar nossa atenção, porque gênero é a lente de percepção através da qual nós ensinamos os significados de macho/fêmea, masculino/feminino. Uma “análise de gênero” constitui nosso compromisso crítico com estes significados e nossa tentativa de revelar suas contradições e instabilidades como se manifestam nas vidas daqueles que estudamos (SCOTT 2012: 332).
- 11 Abordagens recentes feitas por pesquisadores do campo dos estudos decoloniais, como Camila de Magalhães Gomes (2018), reafirmam que gênero permanece uma categoria

útil de análise, desde que incluído em seu uso o recorte de raça. Concordamos com essa proposição e destacamos que no mundo do xadrez a sobreposição de processos discriminatórios envolve questões de gênero e raça. O número de participantes negros nesse esporte é extremamente reduzido, mulheres negras ainda mais, havendo poucos representantes negros em locais de destaque nacional e internacional.

- 12 Os esportes, de forma geral, passam por um processo de generificação que lhes atribuem uma identidade masculina ou feminina, o que influencia no julgamento dos atletas que os praticam, causando tensões, principalmente quando estes têm gêneros contrários ao predominante no campo (Melo; Giavoni; Troccoli 2004:252). Se, por um lado, nos esportes que exigem maior condicionamento físico há uma identificação mais clara das fronteiras que “masculinizam a mulher” ou “feminizam o homem”, em razão do julgamento de que, por natureza, os homens deveriam dedicar-se aos esportes que exigem mais “força”, “esforço”, “movimentos violentos” e “características viris”; por outro lado, nos que não precisam se valer da força física, as mulheres teoricamente se adequariam melhor, já que estariam livres para exibir sua “docilidade”, “sensibilidade”, “suavidade de movimentos” e “fragilidade”, sobretudo, em razão da prerrogativa da reprodução (Sousa; Altmann 1999:57-58). É importante destacar que a definição de uma prática esportiva que requer grande esforço físico como algo restrito ou mais adequado aos homens é uma atribuição que passa a ser incorporada pelo mundo esportivo em razão dos variados processos históricos, sociais e políticos de afirmação das diferenças de gênero.
- 13 No entanto, em contraponto aos esportes físicos que abriram suas portas timidamente no fim do século XIX para as mulheres, a fim de que pudessem melhorar suas formas femininas e se prepararem para a reprodução futura (Sousa; Altmann 1999), os esportes classificados como intelectuais não lhes deram essas vantagens. Contudo, mesmo que diferentes modalidades esportivas tenham alcançado grande popularidade na modernidade, as mulheres continuaram a ter muitas dificuldades para promoverem suas inserções nas esferas esportivas como praticantes, competidoras amadoras ou profissionais.
- 14 No século XVIII foram fundadas as primeiras federações esportivas de xadrez na Europa e os primeiros clubes criados por pessoas interessadas na prática como jogadores ou espectadores. Tais organizações ocupam papel essencial no desenvolvimento do esporte em relação a seu nível anterior, considerado como *hobby* ou passatempo, já que até esse momento de transição as competições eram reguladas de acordo com as tradições locais (Elias; Dunning 1996:53). Em 1851, realizou-se o primeiro torneio internacional, em Londres, e a popularidade do jogo e das competições acabou por criar o título de campeão mundial, vencido pela primeira vez por Wilhelm Steinitz, em 1886, hoje reconhecido como o fundador do xadrez moderno. Quase quarenta anos depois, em 1924, é fundada, em Paris, a Federação Internacional de Xadrez (FIDE), tendo como primeiros eventos organizados o Torneio das Nações, uma espécie de Olimpíada própria⁶, na qual os países eram representados somente por equipes de jogadores homens⁷, vencido pela equipe húngara, e o Campeonato Mundial Feminino, vencido por Vera Menchik, ambos em 1927.
- 15 No Brasil, o xadrez surgiu ainda no século XIX, com um grande pianista português, Artur Napoleão, que se radicou no Rio de Janeiro. Mas o jogo só se popularizou nos anos de 1920. O primeiro Campeonato Brasileiro ocorreu em 1927, com a vitória do médico João de Souza Mendes Júnior. A entrada das mulheres aconteceu trinta anos depois,

com o Campeonato Feminino de Xadrez, em 1957, consagrando a primeira mulher campeã brasileira, Dora de Castro Rubio.

- 16 A criação de um quadro de regras e costumes sociais relacionados ao jogo em seu nível mais alto de integração, condição básica para a transição de passatempo a esporte, bem como o desenvolvimento de um órgão de supervisão, a fim de garantir o cumprimento das normas, são primordiais para a constituição da filosofia política do xadrez. Além do que, com esse regramento, os esportes assumem um caráter próprio, que não vigorava nas competições locais tradicionais, já que jogo e jogadores eram muito próximos (Elias; Dunning 1996:53). Compreender como as convenções e normas do xadrez se expressam e como são peculiares, só é possível observando suas constituições como incorporadas pelas pessoas que o praticam.
- 17 Com o objetivo de classificar os enxadristas em diferentes níveis de pontuação e força, a FIDE, a International Correspondence Chess Federation (ICCF) e as federações nacionais, atualmente, utilizam o sistema de *Rating ELO*, desenvolvido pelo físico húngaro, Arpad Elo. O *Rating ELO* consiste em um sistema estatístico baseado na ideia de que a performance de cada jogador em suas partidas é uma variável aleatória e concebe a força de jogo do indivíduo com uma média entre o desempenho de todos os outros jogadores em determinado torneio. A FIDE adotou o sistema ELO em 1970 e ele foi reconhecido como o método mais apurado e justo até então, tendo Magnus Carlsen⁸ alcançado o mais alto *Rating* da história (2882 pontos). Inclusive, em razão de seu alto grau de precisão, em 2018, foi decidido pela Federação Internacional de Futebol (FIFA) adotar o referido método para o cálculo do *ranking* das seleções, implementado após o Mundial da Rússia, a fim de eliminar o potencial de manipulação dos pontos e dar melhores oportunidades às equipes.
- 18 Após precisar as performances dos jogadores em números, deu-se uma classificação de *Ratings* com títulos vitalícios a eles associados pela FIDE, em uma linha crescente de quatro titulações que são reconhecidas e prestigiadas mundialmente: Candidato a Mestre (CM), Mestre FIDE (MF), Mestre Internacional (MI) e Grande Mestre (GM). Além de ser o campeão mundial, Grande Mestre (GM) é o título máximo que um enxadrista pode alcançar, conferido aos mestres de nível internacional que conseguem atingir 2500 pontos e três normas em competições de Grandes Mestres, envolvendo pelo menos dois competidores estrangeiros. O Mestre Internacional (MI) possui condições semelhantes às do primeiro, porém com um *Rating* de 2400 pontos e as três normas em competições de Mestres Internacionais; o Mestre FIDE (MF) deve ter *Rating* de no mínimo 2300 pontos, sem a existência de normas; e, por fim, o Candidato a Mestre (CM) alcança esta posição ao conseguir um *Rating* mínimo de 2200 pontos. Além disso, para as duas maiores titulações (GM e MI) é necessário obter, em cada competição de conquista das normas, o *Rating* performance adequado que, no caso dos GMs, deve ser superior a 2600 pontos (FIDE Handbook 2017).
- 19 Os torneios de xadrez podem ser distribuídos por categorias técnicas, estipulando classes A, B e C, que distinguem os competidores pelo potencial competitivo. Há, ainda, categorias de idade nas quais os competidores são separados por faixas etárias em juventude, veteranos e seniores – comum nos torneios escolares. Quanto ao sexo existem duas categorias: a absoluta, que inclui homens e mulheres, mas que por vezes é confundida como específica aos homens em razão de seu domínio numérico, e a feminina, restrita às mulheres. Os títulos acima mencionados podem ser conferidos a ambos os gêneros e constituem uma importante ferramenta para analisar as diferentes

colocações de homens e mulheres e a quantidade existente de mestres de cada um. Entretanto, há também títulos específicos para elas – WCM (*Woman Candidate Master*), WFM (*Woman FIDE Master*), WIM (*Woman International Master*) e WGM (*Woman Grand Master*) – com *Ratings* diferenciados e menores. Para alcançar o título de WCM é preciso 2000 de *Rating* (diferente do anterior que necessita de 2200); para WFM é preciso 2100 de *Rating* (enquanto na categoria absoluta necessita de 2300 pontos); para o título de WIM é preciso 2200 pontos e três normas necessárias, diferente do anterior que necessita de 2400 pontos; e para alcançar o mais alto título da categoria feminina, WGM, é preciso atingir 2300 pontos e as três normas necessárias nos torneios profissionais. Ou seja, a mais alta colocação do feminino (WGM) é equivalente a uma das mais baixas do masculino (MF). Nesse sentido, é curioso pensar que diante de combates entre um homem e uma mulher o *Rating* nem sempre é levado em consideração com o mesmo rigor. Muitas vezes são consideradas de nível mais fraco atletas que possuem *Ratings* iguais ou superiores aos homens – o que constitui uma certa contradição, já que o *Rating* ELO, desde a sua criação, deveria ser capaz de expor as probabilidades de vitória para cada confronto a ser realizado.

- 20 O *Rating* inicial de um jogador é calculado com base na classificação média dos adversários em todos os torneios, considerando competições oficiais que computam os *Ratings* FIDE, a pontuação total contra adversários classificados em todos os torneios e o número de jogos contra adversários classificados em todos os torneios. A partir disso, o jogador passa a ter em seu cadastro um *Rating* a ele associado, o que serve como registro de sua força no esporte. Com a prática e a participação nos torneios, o *Rating* varia de acordo com o desempenho do jogador nas competições seguintes, com um coeficiente de desenvolvimento (k) que vai de 40, para um jogador novo na lista de classificação, até que ele complete eventos com pelo menos 30 jogos; 20 enquanto a classificação de um jogador permanecer abaixo de 2400 e 10 quando a classificação publicada de um jogador atingir 2400 e permanecer nesse nível posteriormente, mesmo que a classificação caia abaixo de 2400 de *Rating* (FIDE Handbook). Acontece que, com base nessa representação numérica, nem sempre o *Rating* das mulheres é tomado como medida de sua força. Principalmente pela existência dos títulos femininos específicos (WMN, WFM, WMI, WGM), com normas e pontuações menores para a obtenção, ainda que a enxadrista tenha títulos absolutos (MN, MF, MI, GM) e uma quantidade considerada alta de *Rating*.
- 21 Nas palavras de Elias (1996:54), cada esporte possui sua fisionomia própria e atrai pessoas com determinados traços de personalidade, devido a sua relativa autonomia tanto em relação aos praticantes quanto à sociedade em que se desenvolveu. Ao serem avaliados a partir do recorte de gênero, esportes como o futebol, as lutas e o fisiculturismo, por exemplo, se apresentam como masculinos, já a dança e a ginástica rítmica como femininos. No xadrez, aparentemente, mulheres e homens poderiam participar sem assumirem uma imagem e posição masculinas ou femininas. Acontece que a partir do momento em que a racionalidade é identificada como um dos elementos da masculinidade, o ambiente enxadrístico passa a ser considerado masculino e a presença de mulheres representa uma fuga desta ordem e um caminho contrário à sua designação natural.
- 22 A tensão de não estar em seu lugar, no caso das mulheres, aparece, sobretudo, quando os gêneros se confrontam no tabuleiro, pois em disputas entre homens, o vencedor adquire um incremento simbólico à própria masculinidade (Gastaldo; Braga 2011:884).

Contudo, a perda de um mesmo duelo para uma mulher pode significar uma espécie de humilhação, marcando o local de disputa não apenas pelo desejo de vitória, mas pela recusa a uma derrota duplamente vergonhosa em razão do gênero do oponente.

- 23 Em diferentes culturas a disputa entre homens aparece como parte da afirmação social da masculinidade e a aceitação de desafios como uma de suas medidas (Gastaldo; Braga 2011). Em função disso, os homens sentem maior responsabilidade em vencer as mulheres, demonstrando toda a obrigação, também moral, que eles têm para com o comportamento culturalmente esperado. O fato de um homem, em torneios profissionais de xadrez, perder para uma representante do feminino é símbolo de vergonha e ele se torna motivo de chacota entre as equipes.
- 24 De forma oposta, a mulher superar o homem com suas habilidades é um questionamento da construção de superioridade masculina e um sinal de resistência à ideia de sua suposta inabilidade. Trata-se não apenas de vencer os homens em modalidades majoritariamente masculinas, mas de fazer isso com a compreensão de que não se está jogando *como um homem*, como é comum nos discursos frente a mulheres profissionais de alto nível – *mulher quando joga bem, joga como homem*.
- 25 É sobre isso que comenta a Mestre Internacional Feminina e tetracampeã nacional de xadrez, que relata já ter jogado torneios com oitenta homens sendo a única mulher. Ao ser perguntada sobre diferenças e possíveis dificuldades sentidas nas grandes competições, diz o seguinte:
- E aí a gente sente também quando vai jogar, tem algumas pessoas do sexo masculino que não gostam de perder pra você. É um sentimento, eles não expõem pra fora, mas você sente que eles ficam um pouco mais abalados porque você é mulher, né. (MESTRE FEMININA 2 2018)
- 26 Talvez tenha sido por essa dificuldade que Garry Kasparov⁹, um dos mais destacados jogadores da história, precisou realizar uma manobra proibida e contrária às regras do esporte para não perder para uma menina de dezessete anos. O fato ocorrido no importante torneio em Linares (1994), um tradicional evento no calendário mundial, foi notícia no mundo enxadrístico, já que o jogador russo voltou seu cavalo de um lance perdedor, mesmo já tendo largado a peça no tabuleiro, a moveu outra vez, o que é proibido segundo as regras do esporte, tudo para não perder de Judit Polgar¹⁰. Posteriormente, a enxadrista comentou ter sentido receio em reclamar contra um jogador como Kasparov, mas ainda durante o torneio um vídeo da partida comprovou a irregularidade. A equipe de arbitragem resolveu não punir o jogador e quando Polgar tentou questionar a conduta de Kasparov, ele se limitou a declarar em público que sua consciência estava tranquila. Sem dar muita atenção aos comentários, afirmou, além disso, que o lugar de uma mulher era cuidando dos filhos.
- 27 Embora alguns esportes tenham um desenho ainda mais semelhante ao de uma batalha real entre grupos adversários e forte propensão em provocar emoções e excitações, Elias e Dunning (1996:66) apontam que em todos os tipos de esporte os seres humanos brigam entre si direta ou indiretamente. Por não possuir um combate físico direto, o xadrez pode ser visto como mera disputa entre técnicas teóricas, táticas e estratégias em um tabuleiro, mas a luta entre as peças para os praticantes do esporte e a demonstração de suas relações com um corpo a corpo explica sua massificação em países como a União Soviética. Nesse país, o governo tomou a decisão de tornar o xadrez uma prática esportiva sob gerência do estado, com a formação de uma imensa estrutura formativa que resultou em um domínio de seus representantes no plano

internacional (Loureiro 2006). O Partido Comunista utilizava o xadrez como forma de treinamento intelectual e preparação para a guerra (Johnson 2013), a utilidade bélica desse esporte foi, inclusive, o argumento utilizado para defender o jogo das proibições da Igreja ao longo dos séculos iniciais de sua prática.

- 28 Neste esporte, o discurso da inabilidade feminina é justificado, quantitativamente, pela grande diferença de participação e resultados entre os gêneros, ganhando corpo ao percebermos os *rankings* mundiais e brasileiros das categorias absoluta e feminina, em que as melhores do feminino nem se aproximam, tratando-se de *Rating* FIDE, dos primeiros colocados masculinos da categoria absoluta. Dentre as faculdades que o xadrez aciona, consideradas essenciais para tornar-se um atleta profissional, estão as capacidades de pensar objetiva e abstratamente, de distribuir atenção nos muitos lances de uma partida, vontade disciplinada e, sublinhados, bons nervos, autocontrole e confiança (Lasker 1999:157). Além disso é preciso boa memória, leitura e domínio dos conceitos, conhecimento técnico, poder de concentração, equilíbrio emocional e paciência na partida e no aprendizado. Todas habilidades tradicionalmente tributadas aos homens.
- 29 Formando atletas no xadrez e definindo papéis de gênero
- 30 A educação diferenciada para meninos e meninas está articulada às expectativas em torno do desenvolvimento de habilidades para cada um dos gêneros. O uso dessa pedagogia pautada na distinção resulta na hegemonia masculina em algumas práticas esportivas e na feminina em outras. Como lembra Elias (2016), ao falar sobre os processos de socialização, as características que facilitam ao homem jogar xadrez e dificultam o terreno para as mulheres poderiam ser explicadas pelas diferenças na formação e integração dos indivíduos que, quando divididos por gênero, têm suas personalidades moldadas por um forte controle social, construtor de medos e coerções nelas inscritas desde a infância.
- 31 Considerando o processo de formação de novos atletas no xadrez, há certa concordância de que quanto mais cedo se inicia, maiores são as chances de se tornar um grande gênio no futuro, pensando em um conceito de genialidade masculina e ocidental. A grande maioria dos mestres começou cedo e a questão da idade pesa ainda mais nos dias atuais, em que se tem maior e mais prematuramente acesso à literatura e às ferramentas tecnológicas que auxiliam nos estudos enxadrísticos. Segundo o Grande Mestre e campeão nacional:
- Pra jogar muito bem xadrez tem que começar desde muito cedo, né. Hoje em dia se você aprendeu a jogar xadrez com 10 anos, sinceramente, já era, você nunca vai ser um profissional de xadrez. Infelizmente é a verdade. (GRANDE MESTRE 2018)
- 32 Não há um consenso de qual seria a idade ideal. Há outros grandes mestres que partilham de opiniões distintas, afirmando ser possível começar mais tarde e ainda assim se tornar Mestre FIDE ou Mestre Internacional, pois tais titulações não necessitam de algo extraordinário e quase divino, sendo possível até se tornarem Grandes Mestres. Para um outro enxadrista de alto nível, começar mais tarde significa que talvez você não se torne um campeão mundial, mas ser campeão mundial mesmo para quem começa muito cedo já é uma tarefa extremamente difícil. A idade de início talvez esteja relacionada ao tempo de permanência dos jogadores no esporte, que parece ser diferente para homens e mulheres, entendendo que, como em outras modalidades, há uma idade considerada máxima. Um importante Mestre Internacional entrevistado, com mais de 65 anos, comenta o seguinte sobre a questão da faixa etária:

É, essa faixa etária está mudando, antigamente se calculava que o auge dos jogadores era mais ou menos entre 35 e 40 anos, hoje em dia isso já abaixou drasticamente. Se não for entre 30 e 35, já tá tipo de 28 a 33. Cada vez mais garotos, com o advento do computador, onde todo mundo começa a estudar muito antes, com muito mais precisão, isso mudou muito. (MESTRE INTERNACIONAL2018)

- 33 Em países como o Brasil, o xadrez não é um esporte popular nem faz parte da educação das crianças e dos jovens. Sua literatura não é acessível à maioria das pessoas, diferente de locais onde a prática é muito comum como na Rússia, o que inibe a seu aprendizado nos primeiros anos da infância. Observando como se deram as inserções no esporte de quatro renomados mestres brasileiros, percebe-se uma grande semelhança, pois todos iniciaram muito cedo e possuíam um ambiente fértil na família. Para esses atletas vir de famílias em que pais e irmãos jogavam, possibilitou acessar uma vasta literatura e viabilizou a prática do jogo dentro de seus círculos familiares, o que parece indicar, através dessas interações, "a importância de pertencer à segunda geração, de crescer numa família que provê estímulos intensos nas áreas em que a pessoa é dotada" (Elias 1994:79), ou seja, uma transmissão do conhecimento por tradição ou patrimônio. Esse movimento pode ser percebido pela resposta do Grande Mestre entrevistado sobre o seu início no esporte:

Aí com 9 anos eu fui campeão brasileiro da minha categoria, aí no campeonato mundial eu fiz 10,5 em 11 rodadas, eu terminei em segundo, mas foi um resultado muito bom. E aí eu comecei a me destacar nas minhas categorias e como eu tinha muito incentivo do meu pai pra jogar xadrez, basicamente eu sempre tive a intenção de jogar mesmo, né. Era o que eu gostava de fazer e aí eu já fui treinado, desde cedo, pra ser um... o objetivo sempre foi que eu fosse um Grande Mestre, então eu nunca nem pensei em fazer outra coisa, na verdade. (GRANDE MESTRE 2018)

- 34 Percebe-se que o processo de iniciação ao xadrez inclui treino, conhecimento e, fundamentalmente, um esforço familiar de socialização dos futuros atletas nos códigos desse mundo esportivo. Processo parecido foi relatado pelas mulheres entrevistadas, uma delas, campeã brasileira por muitos anos e ainda em atividade, que narrou o seguinte:

Meu pai ensinou Xadrez ao meu irmão mais velho [...], quando meu irmão começou a disputar torneios, toda a família o acompanhava, isso é, iam meus pais e eu assisti-lo jogar, [...] então comecei a me interessar pelo jogo, afinal o jogo despertava tanto interesse no meu irmão que fui ficando cada vez mais curiosa sobre, então meu pai me ensinou a jogar e logo depois, lá estava eu participando dos torneios também. (MESTRE FEMININA 1 2018)

- 35 Nesse sentido, a prática de alto rendimento é, de certa forma, limitada a um pequeno grupo que dispõe do acesso a esse conhecimento e que tem oportunidade de aprender e dominar as técnicas dentro de uma estrutura de transmissão, em muitos casos, familiar. Faz muita diferença estar exposto aos processos que ensinam o que é preciso para ter a formação de um Grande Mestre.
- 36 Os lugares e tempos de inserção e integração de homens e mulheres no ambiente enxadrístico são distintos, ainda que as exigências para se tornar um profissional na modalidade sejam as mesmas para os dois gêneros. O exemplo da família de praticantes de xadrez, como a da enxadrista entrevistada, mostra que a prioridade é dos homens. A trajetória da campeã brasileira nos lembra que as preferências são socialmente aprendidas e motivadas, bem como as identidades dos indivíduos, o que significa que as pessoas realizam escolhas que impactam na definição de suas vidas, mas que estas "são

feitas em meio a pressões, interpelações e constrangimentos que não são necessariamente reconhecidos como tal” (Biroli 2013:82). Em uma família de enxadristas, o previsto foi cumprido, o filho homem seguiu os passos do pai no xadrez. Mas, a filha se tornar uma campeã no esporte foi algo que se deu de forma bem menos naturalizada, sua narrativa nos mostra que a curiosidade em aprender partiu dela.

- 37 Um Mestre Internacional, com vasta experiência no treinamento de xadrez para meninos e meninas, comenta sobre esse início e a relação com os pais:

[...] eu, minha vida inteira, dei aula em escolas, clubes particulares e a gente vê claramente que as meninas, depois de algum tempo, desaparecem. [...] E aí eu digo o seguinte: a expectativa dos pais é diferente para os meninos e para as meninas, é a velha história da bola e da boneca, né. Então vai bem até um momento que há um bom reverse, e aí normalmente o interesse e o apoio de casa começa a diminuir. E tem gente que claramente diz, ô quantas vezes: Ah não, é só pra aprender mesmo, não é uma atividade pra mulher (MESTRE INTERNACIONAL 2018).

- 38 A fala desse mestre, que também atua como treinador, revela a dinâmica que vigora no processo de formação de novos atletas: meninos recebem mais condições e estímulos das famílias para seguirem no esporte, confirmando que as hierarquias de gênero no xadrez são estabelecidas desde muito cedo. O maior incentivo das famílias aos meninos e a sua maior liberdade de escolha para continuar na prática do esporte também é reconhecida por esse expoente do xadrez:

[...] eu tenho a impressão dessa expectativa, porque toda criança gosta e lógico adquire em determinado momento a sua independência cultural e intelectual, mas no começo ela se espelha nos pais, né. Então se o pai acha que é legal fazer, ou a mãe, vão um pouco atrás disso. E o menino na família brasileira ele é um pouco mais livre pra escolher as coisas (MESTRE INTERNACIONAL 2018).

- 39 Contudo, as expressivas diferenças nas pontuações de *Rating* entre homens e mulheres são utilizadas como justificativa para o baixo estímulo, investimento e valorização financeira das atletas, o que coloca o problema em uma espécie de círculo vicioso de causa-efeito: elas não jogam no mesmo nível, por quê? Porque não há investimento e não se criam iguais condições. Por que não se criam condições iguais? Porque elas não jogam no mesmo nível. Assim, está fortemente demarcado que há hierarquias de gênero pautando a definição do “jogar bem” e do “jogar no feminino”. Mesmo quando a referência é a categoria de jogo absoluta, aparentemente universal, com regras, critérios e pontuações iguais para homens e mulheres, as expectativas de que homens se comportem de forma a serem “racionais”, “lógicos” e “emocionalmente equilibrados” é bem maior e, dessa forma, teriam mais condições de jogarem em alto nível.

- 40 Analisando *folders* de divulgação de torneios, nota-se sem dificuldade que os prêmios femininos são menores e o investimento no xadrez, incluindo bolsas de contratação, salários e patrocínios, também. Mulheres recebem menos que homens jogando na mesma equipe, por existir uma diferença entre “jogar bem” e “jogar bem no feminino”, o que parece recorrente em outros esportes, como no futebol (Bcc 2014) e no surfe (Booth 2001).

- 41 Ouve-se, portanto, com frequência, que pode até haver boas enxadristas, mas são boas apenas na categoria feminina. Em termos de investimento, em uma tentativa de localizar o xadrez no conjunto dos demais esportes e níveis, nacional e internacional, é necessário ressaltar que sobreviver do xadrez é ainda mais difícil no Brasil. A própria integração às grandes competições requer que o atleta tenha, pelo menos, condições

mínimas ou auxílios capazes de arcar com os custos de treinamento e com as viagens para as competições.

- 42 Mesmo para os melhores jogadores do país o esporte não oferece condições de seguir uma carreira por ele mesmo, sem que haja outras fontes de renda, o que, evidentemente, diz muito sobre um campo esportivo bastante elitizado. Diferente do futebol, voleibol e outros esportes, o xadrez geralmente não fornece aos atletas uma ascensão de classe e nem mesmo de *status*, já que os grandes nomes do esporte continuam restritos ao próprio campo.
- 43 Considerando que mesmo os mestres e atletas com nomes consolidados, para sobreviverem do esporte, precisam trabalhar com outras atividades que o envolvem – realizando cursos, treinos, arbitragem, exibições simultâneas, palestras, dentre outras – como criar um horizonte para os que adentram? Se para os grandes jogadores a realidade se dispõe com dificuldades estruturais e institucionais tão sérias, como esperar que jovens atletas, sem condições econômicas, invistam em uma carreira? Como a base do xadrez brasileiro poderia criar grandes anseios neste cenário de pouco apoio, valorização e investimento para competir com os grandes centros? Certamente perdemos muitos mestres e muitas possibilidades de alcançar uma melhor colocação para o país no *ranking* mundial.
- 44 Em outros casos, ainda, jogadores profissionais, até Grandes Mestres, optam por seguir com atividades em outras áreas pelos mesmos motivos. Na fala de uma Mestre Internacional Feminina fica bastante nítido esse objetivo, com certo tom de decepção pelo campo esportivo não oferecer condições justas para a permanência dos atletas. Ela diz:
- Eu gostaria de ter uma outra profissão, sabe? que não fosse depender do xadrez, porque é muito difícil depender do xadrez. Envolve um pouco de críticas, depende de alguém pra te apoiar, não depende só de você trazer resultados, de você ser boa no que faz. Então é um pouco desanimador, porque você constrói toda uma carreira, uma vida em que você se dedica ao esporte e às vezes não tem aquele retorno que você precisa como atleta, também, pra sobreviver e continuar jogando. Então hoje a minha ideia é ter uma outra profissão e seguir com o xadrez, porque eu gosto do xadrez né e não depender daquilo. (MESTRE FEMININA 2 2018)
- 45 Utilizando como referência as listas de filiados da Confederação Brasileira de Xadrez (CBX) é possível observar que o centro enxadrístico brasileiro se concentra nas regiões sudeste e sul, em especial no estado de São Paulo. Apenas a quantidade de jogadores deste estado é maior que a das regiões norte, nordeste e centro-oeste juntas. Dentre os dez melhores jogadores da categoria geral todos pertencem a uma dessas duas regiões, jogam ou já jogaram por elas, ainda que não residam no local. O mesmo cenário repete-se na categoria feminina, em que todas representam São Paulo ou Santa Catarina.
- 46 Sabe-se que o esporte, desde os seus princípios, nunca se referiu apenas a aqueles que o praticavam, mas também às competições realizadas para o gozo dos espectadores (Elias; Dunning 1996:37). No Brasil, diferente das notícias que sabemos sobre Moscou, em dias de competição, o trânsito não para porque há multidões afoitas para chegarem à porta do edifício onde acontecem os *matches* e assistirem uma partida de xadrez (Lasker 1999:71). Os torneios, mesmo os abertos, não reúnem grandes públicos, senão os próprios integrantes e participantes do esporte e a ausência de espectadores e de popularidade dificulta a obtenção de patrocínio.

Considerações Finais

- 47 Seguindo a perspectiva assinalada por Joan Scott (1995:84) de que: “A *história do pensamento feminista é uma história da recusa da construção hierárquica da relação entre masculino e feminino*” e que o gênero é uma categoria analítica, entendemos que as relações hierárquicas estabelecidas entre homens e mulheres não podem ser naturalizadas. Em cenários de organização de um campo esportivo como o do xadrez, muitas vezes quem está olhando para ele de fora pode supor que homens e mulheres são tratados de forma igualitária, o que não foi confirmado pela pesquisa apresentada nesse artigo. Há um esforço, por parte daqueles que promovem o xadrez, em confirmar a equidade de gênero pela existência de uma modalidade de disputas que prevê a participação de homens e mulheres, a categoria absoluta. Nessa categoria a junção dos dois grupos (masculino e feminino) em um mesmo campo de competições parte do pressuposto de que para jogar bem xadrez importam as habilidades intelectuais e não a força física. A categoria absoluta é, portanto, o reconhecimento de que intelectualmente os dois gêneros poderiam participar em condições de igualdade. Mas, um olhar atento e por dentro desse campo evidencia a existência de processos discriminatórios que colocam as mulheres em situação de desigualdade em relação aos homens, mesmo nas competições em que, a rigor, partem para as disputas em condições igualitárias. As distinções e as hierarquias são construídas desde o início da educação oferecida para meninos e meninas se profissionalizarem como enxadristas.
- 48 Vigora no universo do xadrez processos que reafirmam estereótipos de gênero presentes nas sociedades. As mulheres partem de condições desiguais para participar das competições e alcançar postos de destaque no esporte, porque seu processo de socialização e treinamento tem patamares diferentes, como mostramos. E, também, porque, como muitas outras mulheres, estão limitadas por lhes ser atribuída a prerrogativa reprodutiva e por lhes serem tributadas as expressões emotivas descontroladas que as impedem de ter a concentração necessária para a prática de um esporte que seria pura razão. Se o xadrez é o lugar do cálculo racional, como esperar que ele seja bem jogado pelas mulheres a quem se tributam dificuldades biológicas e sociais de controle das emoções? Como vários outros campos esportivos, o xadrez também construiu uma filosofia política assentada em espaços hierarquizados para homens e mulheres.
- 49 Na configuração do universo esportivo do xadrez há uma definição de quem tem efetiva condição de competir e fazer dele um esporte olímpico: os homens. Treinados e condicionados para isso desde crianças, capazes de assimilar comandos de autocontrole de suas emoções e de desenvolver capacidades físicas e mentais para empreender escolhas racionais, eles podem propagar o xadrez como um esporte profissional. A transmissão de conhecimentos no xadrez ocorre com uma educação e um investimento na formação dos atletas que é diferenciada, sobretudo, pelo gênero e o sonho da profissionalização é mais possível de ser alcançado pelos homens.

BIBLIOGRAFIA

- ALABARCES, Pablo. 2001. Fútbol y patria. El fútbol y las narrativas de la nación em la Argentina. Buenos Aires; Prometeo libros, 2001.
- Altmann, Helena. 1998. Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na educação física. Dissertação de mestrado em Educação. Belo Horizonte: UFMG.
- ARCHETTI, Eduardo. 2001. El potrero, la pista y el ring. Las patrias del deporte argentino. Buenos Aires; FCE, 2001.
- ARCHETTI, Eduardo. 1999. Masculinities. Football, Polo and the Tango in Argentina. London; Berg, 1999.
- Bandeira, Marília Martins; Rubio, Kátia. 2011. "Do outside": corpo e natureza, medo e gênero no surfe universitário paulistano. Rev. bras. educ. fis. esporte. n.1: 97-110.
- BOURDIEU, Pierre. 1983. Como se pode ser esportivo? Questões de Sociologia. Rio de Janeiro; Editora Marco Zero Limitada, 1983.
- COSTA, Waldemar. Epopeia do Campeonato Brasileiro de Xadrez. Disponível em: www.wsc.jor.br/xadrez/epopeia.htm
- Damo, Arlei. 2005. Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. Tese de doutorado em Antropologia Social. Porto Alegre: UFRGS.
- ELIAS, Norbert. 1994. Mozart, Sociologia de um Gênio. Rio de Janeiro; Jorge Zahar, 1994.
- ELIAS, Norbert. DUNNING, Eric. 1996. Deporte y ocio en el proceso de la civilizacion. Fondo de Cultura Económica, 1996.
- ENTENDA como funciona o novo ranking da Fifa baseado no método Elo. Globo Esporte, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/entenda-como-funciona-o-novo-ranking-da-fifa-baseado-no-metodo-elo.ghtml>
- Fide, International Title Regulations (Qualification Commission). Disponível em: <http://www.fide.com/fide/handbook.html?id=10&view=category>
- Fide, Charter, 2020. Disponível em: <https://handbook.fide.com/chapter/FIDECharter2020>
- Fide, Handbook. Disponível em: <http://www.fide.com/fide/handbook.html>
- Gastaldo, Édison Luis; Braga, Adriana Andrade. 2011. Corporeidade, esporte e identidade masculina. Rev. Estud. Fem. n.3: 875-894.
- GIDDENS, Anthony. 1981. As Consequências da Modernidade. São Paulo; Editora da Universidade Estadual Paulista, 1981.
- Gomes, Camila Magalhães. 2018. Gênero como categoria de análise decolonial. Civitas n. 1: 65-82.
- Grande Mestre. Entrevista concedida, via Skype, a Maria Isabel Trivilin. Maringá, 12 abr. 2018.
- Guedes, Simoni Lahud. 2000. A concepção sobre a família na geriatria e na gerontologia brasileiras: ecos dos dilemas da multidisciplinaridade. Revista Brasileira de Ciências Sociais n.43: 69-82.
- GUEDES, Simoni Lahud. 1997. Jogo de Corpo: um estudo de construção social de trabalhadores. Niterói; EDUFF, 1997.

- GUEDES, Simoni Lahud. 1998. O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro. Niterói; EDUFF, 1998.
- GUTTMANN, Allen. 1978. From ritual to record – the nature of modern sports. New York; Columbia University Press, 1978.
- JOHNSON, Daniel. 2013. Rei Branco e Rainha Vermelha. Rio de Janeiro/São Paulo; Record, 2013.
- LASKER, Edward. 1999. História do Xadrez. São Paulo; Ibrasa, 1999.
- LOUREIRO, Luiz. 2006. “Xadrez”. In: L. P. Costa (org.), Atlas do esporte no Brasil. Rio de Janeiro: CONFEF. pp. 1008-1024.
- Melo, Gislane Ferreira de; Giavoni, Adriana; Troccoli, Bartholomeu Torres. 2004. Estereótipos de gênero aplicados a mulheres atletas. Psicologia: Teoria e Pesquisa n.3: 251-256.
- Mestre Internacional. Entrevista concedida, via Skype, a Maria Isabel Trivilin. Maringá, 23 abr. 2018.
- Mestre Internacional Feminina 1. Entrevista respondida, por e-mail, a Maria Isabel Trivilin. Maringá, 17 abr. 2018.
- Mestre Internacional Feminina 2. Entrevista concedida, via Skype, a Maria Isabel Trivilin. Maringá, 25 abr. 2018.
- PILATTI, Luiz Aberto. 2002. “Guttman e o tipo ideal do esporte moderno”. In: M. Proni & R. Lucena (orgs.), Esporte: história e sociedade. São Paulo: Editores Associados. pp. 63-76.
- PREMIAÇÃO é menor para mulheres em 30% dos esportes. BCC Brasil, 30 de out. de 2014. Disponível em: www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/10/141028_esporte_sexismo_rm
- PRONI, Marcelo; LUCENA, Ricardo (orgs.). 2002. Esporte: história e sociedade. São Paulo: Editores Associados.
- Scott, Joan W. 1990. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade n. 2: 5-22.
- Scott, Joan W. 2010. Gender: still a useful category of analysis? Diogenes n. 1: 7-14.
- Scott, Joan W. 2012. Os usos e abusos do gênero. Projeto História n. 45: 327-351.
- Sousa, Eustáquia Salvadora de; Altmann, Helena. 1999. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. Cadernos Cedes n.48: 52-68.
- Souza, Juliano de; Marchi Júnior, Wanderley. 2013. O “match do século” e a “história esportiva” do xadrez – uma interpretação sociológica. Motriz n.2: 399-411.
- STIGGER, Marco Paulo. 2002. Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico. Campinas; Autores Associados, 2002.
- Toledo, Luís Henrique. 2002. Lógicas no Futebol. São Paulo; Hucitec/Fapesp, 2002.
- Young, Iris Marion. 2006. Representação política, identidade e minorias. Lua Nova n.67: 139-190.

NOTAS

1. Para uma leitura interpretativa dos escritos de Guttman, ver Pilatti (2002:63-76).
2. O conceito de *configuração* possibilita Norbert Elias analisar a relação indivíduo e sociedade em bases relacionais, fugindo dos antagonismos (Elias 1980:140-145).

3. Ver, entre outros, Archetti (2001; 1999); Alabarces (2001); Damo (2005); Guedes (1998; 1997); Stigger (2002) e Toledo (2002).
 4. Apesar dos representantes do xadrez insistirem muito, antes da oficialização, em atribuir caráter olímpico a sua modalidade, a Federação Internacional de Xadrez (FIDE) foi reconhecida pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) como Organização Esportiva Global, de acordo com o artigo 29 da Carta Olímpica, somente em 1999, junto ao reconhecimento da prática do jogo de xadrez como esporte (FIDE Charter 2020). A concessão, no entanto, do termo olímpico pelo COI foi atribuída sem a permissão de uso dos atributos e símbolos olímpicos e, apenas a partir de 2001, o xadrez foi oficializado como esporte olímpico sem restrições (Souza; Marchi Júnior 2013).
 5. É classificado pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) como um esporte mental (mind sport).
 6. Competição criada após a tentativa frustrada de inclusão do xadrez nos Jogos Olímpicos de Paris, em 1924. Com o reconhecimento do xadrez como esporte integrante do programa olímpico, passou a chamar Olimpíadas de Xadrez e reúne equipes nacionais das categorias absolutas e femininas, a cada dois anos. Atualmente, conta com a participação de mais de 145 países e é o maior evento esportivo de apenas uma modalidade do mundo (Loureiro 2006. Souza; Marchi Júnior 2013).
 7. A primeira Olimpíada Feminina ocorreu 30 anos depois, em 1957, na Suécia, como evento separado. Somente a partir de 1972 as duas competições são realizadas simultaneamente e no mesmo lugar. (Loureiro 2006:353).
 8. Grande mestre norueguês, campeão do mundo desde 2013. Conquistou o título (GM) aos 13 anos de idade.
 9. Grande Mestre (GM) russo, escritor, ativista político e ex-campeão mundial por dez anos. Liderou o *ranking* mundial quase continuamente de 1986 até sua aposentadoria em 2005. Em 2017 retornou aos tabuleiros.
 10. Grande Mestre (GM) húngara, é a enxadrista com maior expressão no *ranking* mundial de todos os tempos. Liderou o *ranking* feminino por mais de 25 anos e já esteve entre os 10 melhores do mundo na categoria absoluta. Incluindo vitórias sobre consagrados campeões mundiais, foi campeã olímpica duas vezes e, aos 15 anos, quebrou o recorde de *Bobby Fisher* tornando-se a mais jovem Grande Mestre do tabuleiro. Aposentou-se em 2014, aos 38 anos. Atualmente, é a principal organizadora do Festival Anual Global de Xadrez e autora de vários livros premiados, se dedica a projetos educacionais com o xadrez para crianças na Hungria.
-

RESUMOS

Esse artigo empreende uma revisão do papel que os esportes ocupam nas sociedades modernas. Discute como as questões referentes ao gênero são um importante recorte para compreender o enraizamento das atividades lúdicas e competitivas contemporaneamente. Apresenta os resultados de pesquisa desenvolvida junto ao mundo do xadrez, evidenciando como se dá a reprodução das hierarquias de gênero em um esporte que se vale de habilidades intelectuais. Considera que os esportes colaboram para o controle das emoções e configuram espaços de disputas e competições que demarcam regras e normas presentes no mundo esportivo e nas sociedades. São analisados alguns depoimentos de pessoas que participam do universo do xadrez.

This article undertakes a review of the role that sports play in modern societies. It discusses how gender issues are important to understand contemporary rooting of recreational and competitive activities. It presents the results of research developed within the world of chess, showing how the reproduction of gender hierarchies occurs in a sport that engages intellectual skills. It considers that sports collaborate to control emotions and configures spaces for disputes and competitions, which demarcate the rules and norms that are present both in the sports world and in societies. Some reports from people who participate in the chess universe are analyzed.

ÍNDICE

Palavras-chave: esporte, sociedade, gênero, xadrez, modernidade

Keywords: sport, society, gender, chess, modernity

AUTORES

SIMONE PEREIRA DA COSTA DOURADO

Doutora em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e professora associada da Universidade Estadual de Maringá. E-mail: simone.dourado890@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5140-5866>

MARIA ISABEL TRIVILIN

Graduanda em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá.

E-mail: beltrivilin@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7678-6773>